

**O Grupo dos *Backyardigams*:**  
*corpos, saberes e culturas infantis*

Ivete Aparecida da Silva<sup>1</sup>

Mariê Luise Campos<sup>2</sup>

*Lápis, caderno, chiclete, pião  
Sol, bicicleta, skate, calção  
Esconderijo, avião, correria, tambor, gritaria, jardim, confusão*

*Bola, pelúcia, merenda, crayon  
Banho de rio, banho de mar, pula cela, bombom  
Tanque de areia, gnomo, sereia, pirata, baleia, manteiga no pão*

*Giz, merthiolate, band-aid, sabão  
Tênis, cadarço, almofada, colchão  
Quebra-cabeça, boneca, peteca, botão, pega-pega, papel, papelão*

*Criança não trabalha, criança dá trabalho  
Criança não trabalha...  
1, 2 feijão com arroz  
3, 4 feijão no prato  
5, 6 tudo outra vez...  
Criança não Trabalha – Palavra Cantada*

Apresentamos agora um grupo de crianças identificado como O Grupo dos *Backyardigams*<sup>3</sup>. Assim como o ritmo aligeirado da música *Criança não Trabalha*, do grupo infantil Palavra Cantada, as crianças deste Grupo são bastante ativas: adoram brincar no parque, brincar com os brinquedos da sala

---

<sup>1</sup> Acadêmica da 8ª Fase do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista do Programa de Ensino Tutorial (PET – Pedagogia) desta mesma Universidade. Contato: [ivethynhaa@gmail.com](mailto:ivethynhaa@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica da 8ª Fase do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina e integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância – NUPEIN. Contato: [mariecampos10@gmail.com](mailto:mariecampos10@gmail.com)

<sup>3</sup> Tal denominação foi dada ao Grupo 5/6 nos primeiros meses do ano de 2009. Aos que não conhecem essa animação, o *Backyardigams* é uma série infantil, criada por Janice Burgess, que a cada episódio, conta as aventuras enfrentadas pelos cinco amigos: Tasha, Tyrone, Pablo, Uniqua e Austin.

e principalmente assistir a filmes infantis. As meninas que são em 16, brincam de creche num cantinho da sala reunindo todas as bonecas e ursos e às vezes elas deixam um ou outro menino participar desta brincadeira. Mas estes que são em 10, gostam mesmo é de correr pela sala, brincar de lutinha, brincar com "bonecos guerreiros" e montar jogos de encaixe.

Mesmo que escassos em sala, os carrinhos, os bonecos, as loucinhas, enfim, os brinquedos que pertencem a este grupo precisam receber de nós uma atenção especial. Realçando aqui um pouco do que os brinquedos e os filmes infantis representam para formação da identidade, neste caso o desenho dos *Backyardigans*, buscamos um olhar mais aprofundado a respeito do que estes artefatos culturais representam no ambiente da creche.

Pensar o brinquedo vai além de algo que distrai ou trás aprendizado, ampliando o que as crianças já sabem, mas também está envolto da cultura, na qual estão inseridos, que vai estabelecer entre outras coisas a maneira em que as pessoas vivem e "devem viver". Sendo assim, dividir as ações de educar com estes artefatos, que por vezes também nos servem como recursos pedagógicos, requer um olhar mais crítico e intencional, no sentido de não reproduzir relações de preconceito, discriminação, classe social, consumismo exagerado, etc, que permeiam a produção dos mesmos no mercado consumidor.

Portanto o brinquedo, não é algo que sozinho potencializará o desenvolvimento infantil, mas estão envolvidos a um contexto o qual dará as referências. Assim questionamos: será que toda relação possível com o brinquedo é a do brincar? Quais seriam as outras possibilidades de relação com estes artefatos culturais?

Refletindo numa perspectiva pós-crítica, não significa dizer o lugar do brincar, mas problematizar a relação criança e brinquedo que muitas vezes está posta como natural, indiciada. Pensamos que o exercício político do sujeito nos modos de brincar dentro de uma cultura não é algo que tenha que ser colocado pela mídia como atualmente vem acontecendo numa relação de poder, mas os próprios sujeitos do ato de brincar devem estabelecer a maneira como estarão ocupando este espaço.

Pensando nas ações realizadas com as crianças no espaço da Creche, encontramos nas professoras Cíntia e professora auxiliar Maria Lúcia, referências e apoio necessário para realização do nosso estágio.

Enquanto responsáveis por esta turminha na parte da tarde, atualmente, elas vêm desenvolvendo como proposta de trabalho, o projeto intitulado "Aprendendo mais sobre: RESPEITO, AUTO-ESTIMA E RESPONSABILIDADE", cujo objetivo é "promover oportunidade para que as crianças interajam em situações e espaços planejados e organizados num ambiente acolhedor, que lhes dêem apoio e limites e colaborem na construção de valores com a convivência com os colegas" (Projeto de Trabalho do Grupo 5/6, Abril de 2009).

Acompanhamos grande parte do desenvolver deste projeto, pois estivemos com o Grupo no período vespertino, participando das propostas de intervenção das professoras junto à turma. Em meio a tantos movimentos, aos poucos, este Grupo foi nos revelando a sua maneira de estar e de se relacionar com sua realidade, deixando transparecer nas suas expressões que:

"A linguagem é o local de produção de sentidos e o ponto para o qual o jogo, a criatividade e o pensamento crítico convergem. Portanto, o sentido plural da palavra é o caminho para o resgate daquilo que no homem é sujeito, no qual ele não se anula nem se desfaz" (JOBIM E SOUZA, 1996, p. 47-48).

Ao longo do nosso estágio, nosso objetivo foi de buscar estabelecer um vínculo afetivo que nos possibilitasse conhecer e nos deixar conhecer pelas crianças. Deste modo, o que escreveremos sobre este Grupo envolverá alguns dos aspectos observados neste limite temporal, o que significa que, em outros momentos, o grupo poderá ser percebido por tantas outras características.

Para além do objetivo de dividir alguns dos acontecimentos ocorridos neste tempo de Estágio, buscamos realizar um movimento reflexivo sobre os mesmos que aponte não só os encaminhamentos tomados, como também alguns questionamentos sobre temáticas cotidianas que por vezes já foram até banalizadas por nós.

Para constituir tal movimento, apresentaremos os elementos que compõe a rotina do Grupo dos *Backyardigams*, questionando-nos sobre a

*rotinização* de algumas situações. Dentre as atividades realizadas, destacaremos o tempo do parque para este Grupo, buscando explicitar os gostos, as brincadeiras, o modo como se relacionam, enfim, apresentaremos as crianças segundo seus desejos.

Posteriormente, diremos o que por nós foi realizado neste Estágio, contando não só sobre nossas ações, mas também sobre o que vivenciamos, o que sentimos, o que descobrimos, o que aprendemos junto a este Grupo e também os questionamentos possíveis que fizemos à esta teorização da prática.

### *Do despertar vespertino às atividades propostas: um pouco sobre o cotidiano do Grupo dos Backyardigams*

*"As coisas relativas às crianças e para as crianças  
somente são aprendidas  
através das próprias crianças".  
Loris Malaguzzi*

Por realizarmos o nosso estágio no período vespertino, o que aqui descreveremos diz sobre este tempo. As atividades que as crianças desenvolvem iniciam com o despertar do momento do sono, que se dá por volta das 14 horas.

Contudo, quando permanecemos mais com o Grupo dos *Backyardigams* pudemos acompanhar outra proposta para esse momento do sono, em que ficou combinado entre as crianças e as professoras que somente aqueles/as que desejassem dormir ou descansar é que pegariam o colchão, enquanto as demais crianças participariam de outras propostas, como: assistir a filmes, desenhar, brincar de massinha.



Figura 1: Criança dormindo no início da tarde

Tanto as pesquisas (Batista, 1998; Coutinho, 2002;), quanto os documentos oficiais (RCNEI, 1998;) questionam-nos sobre a indissociabilidade existente entre o cuidar e o educar no cotidiano das Creches e Pré-escolas. Por mais que tenhamos avançado nas discussões referentes ao paralelismo do cuidar e educar, muito ainda precisamos evoluir no que diz respeito às questões sobre o cuidado, em especial ao momento do sono.

Sabemos da importância que este tem para a criança, porém o que desejamos questionar é o modo que este se encontra *rotinizado* no cotidiano da Creche. Como nos escreve Coutinho (2002):

"O descanso é uma necessidade humana, bem como o sono. No entanto, os ritmos são pessoais, cada um na sua individualidade atribui ao seu corpo um tempo mínimo de descanso. Ainda que as crianças freqüentem a creche diariamente, e a maioria por todo período do dia (das 7h da manhã às 7h da noite), cada uma terá uma necessidade diferente de sono, que por vezes pode restringir-se ao período da noite: 'as necessidades de sono variam consideravelmente nas diversas idades, em especial nas faixas etárias mais baixas. Não deve haver rigidez quanto à exigência de quantidade de sono de uma criança, sendo os horários adaptados individualmente'" (COUTINHO, 2002, p. 77).

A proposta das professoras em reorganizar o momento do sono demonstra um novo modo de organização em sala, que respeite as homogeneidades existentes no Grupo e também os ritmos fisiológicos de cada criança. Contudo, o horário de acordar ainda é algo fixo. Até as 14h e 30min as crianças têm que estarem acordadas para continuarem a seguir a rotina da

Creche: fazer o lanche, realizar as atividades.

Quando despertam, as crianças colocam o sapato e o casaco, ajeitam os cabelos, fazem a higiene das mãos e do rosto e, acompanhadas por uma das professoras, as que desejam lanche dirigem-se para o refeitório. Contudo, quando muitas crianças da turma vão a Creche, há por parte das professoras a preferência por fazer o lanche em sala e, ao invés de levar as crianças para o refeitório, uma das professoras se responsabiliza por buscar e servir o lanche aos pequenos.

Enquanto uma das professoras está com as crianças no lanche, a outra reorganiza a sala: amontoa os colchões, guarda os edredons no armário, organiza os tapetes. A organização da sala, por vezes conta com o auxílio das próprias crianças: organizando as cadeiras envoltas das mesas ou também guardando os seus próprios pertences. Contudo a participação das crianças na organização do espaço, em muitos momentos, se limita ao que acima foi exposto.

Sabemos e conhecemos o que se diz sobre a participação das crianças no planejamento diário das atividades, porém a organização da sala pelas crianças, a contribuição delas em trazer elementos pessoais para compor novos espaços, ainda são bastante tímidas dentro da participação. Quais devem ser as nossas atitudes para que a participação das crianças na organização de novos espaços se efetivem? Que tipo de combinado devemos firmar com o grupo para que este se sinta autorizado a realizar tal feito?

Mesmo banalizando questões como essa, o cotidiano segue com a sucessão das atividades. Com frequência, posterior ao lanche, as crianças se dirigem ao parque e nele passam um bom tempo do período da tarde. Segundo podemos observar, este é um espaço dominado pelos desejos e pelas ações das próprias crianças e para o Grupo dos *Backyardigans*, é um espaço mais que especial: nele as expressões, os movimentos ficam a "flor da pele". Por assim ser, trataremos deste espaço mais abaixo.



Figura 2: Crianças brincando no parque

Próximo às 16 horas as crianças já estão novamente na sala de aula: é tempo de lavar as mãos e o rosto, pois logo inicia a janta. Há na Creche um projeto específico que organiza este momento e a cada semana, duas professoras de turmas diferentes ficam responsáveis por conduzir os encaminhamentos da janta, atendendo as crianças segundo as suas necessidades.

Segundo nos foi informado, este projeto acontece em toda a Rede Municipal de Educação, podendo cada Creche personalizá-lo segundo as suas necessidades e possibilidades. Por ser o refeitório um espaço não muito amplo, somente cinco crianças de cada turma vão por vez a ele. Tal rodízio possibilita as crianças relacionarem-se com outras de outros grupos, fazendo também deste momento um espaço pra que aja troca e ensinamento entre os pares.

Em meio a brincadeiras, as crianças aguardam a chegada dos seus responsáveis e a medida que estes vão chegando, observávamos um misto de alegria e tristeza envolvendo as crianças: alegria por encontrarem seus familiares, e tristeza por deixarem seus amigos.

*O espaço do parque: um tempo especial dentro do Cotidiano do grupo*

## *dos Backyardigams*

Como já dito acima, o espaço do parque é um local especial para as crianças do Grupo dos Backyardigams. Dissemos especial porque nele a corporeidade do grupo se revela na completude de cada ação.

A maioria das brincadeiras são "livres", são criadas e organizadas pelas próprias crianças. Nesta dinâmica, quando as crianças têm a oportunidade de pensar e executar "livremente" as brincadeiras que desejam, este espaço se constitui como um local importante para o desenvolvimento dos seus saberes, como: autonomia, relacionamento social, interação, participação.

Como atividade específica da infância, a brincadeira não só possui as características da cultura na qual está inserida, como também se modifica com o momento histórico. É uma forma de comportamento social que se reconstitui ao longo do tempo e que adquire novas significações. Ainda como atividade social,

"é partilhada pelas crianças supondo um sistema de comunicação e interpretação da realidade que vai sendo negociada passo a passo pelos pares, à medida que este se desenrola. Da mesma forma, implica uma atividade consciente e não evasiva, dado que cada gesto significativo, cada uso de objetos implica a (re)elaboração constante das hipóteses sobre a realidade com as quais se está confrontando" (WAJSKOP, 1995, p. 29).

Muitas das brincadeiras criadas pelas crianças surgem como imitação dos papéis desempenhados pelos adultos com quem convivem, e na medida em que elas vão acontecendo os espaços vão sendo explorados (parque dos fundos e parque lateral).



Figura 3: Crianças brincando no parque dos fundos  
de pega-pega, brincam no balanço, no trem, com brinquedos, etc.





Figura 4: Crianças brincando no parque dos fundos

Há também no parque a necessidade de atentarmos o nosso olhar para os movimentos criados pelas crianças. Quando falamos sobre o olhar atento as crianças, não nos referimos somente aos aspectos que envolvem o cuidado, mas também as situações que podemos propor as crianças que ampliam os seus repertórios infantis, como descrevemos abaixo:

*No parque, muitos grupos se formaram e um misto de brincadeiras foi tomando conta daquele espaço. Dentre todas as brincadeiras que estavam acontecendo, Michael, Luiz, Gabriel e Marlon brincavam de Batman. Vendo todo o movimento, Cíntia teve a idéia de pegar papel crepon e fazer para esses meninos uma linda capa. Assim ela fez. Contudo, a capa do Batman tomou grandes proporções e todas as crianças que estavam no parque desejavam a capa, inclusive as meninas e as crianças de outros grupos. Letícia, Camille, também ganharam a capa e como Batgirl saíram correndo pelo parque. (CAMPOS & SILVA, 14 de Setembro, p. 4 - Registro de Campo).*

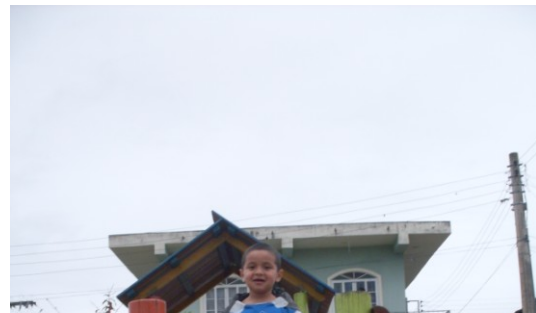




Figura 5 e 6: Crianças brincando de *Batgirl* e *Batman* no parque dos fundos

Chamou-nos atenção o fato de que é comum ver os meninos da Creche brincando de soltar pipa. Com seus olhos fixos no céu, olhando para as pipas soltas por crianças da comunidade, eles gesticulam fazendo de conta que são eles mesmos que estão empinando aquela pipa. No primeiro dia em que estávamos na Creche, um episódio muito interessante envolvendo a pipa aconteceu:

*"Uma pipa caiu no telhado da creche e alguns meninos [da comunidade] pularam a grade disputando quem pegava a pipa primeiro. As crianças [que estavam no parque] ficaram agitadas querendo também pegar a pipa, chegando até a arrancar pedaços da rabiola enquanto o menino que a pegou para si tentava defendê-la"* (SILVA, 25 de Maio, p. 4 - Registro de Campo).

A brincadeira de pipa é bem conhecida pelas crianças, pois faz parte da sua vivência na comunidade. Sempre quando é época de pipa, as crianças da comunidade brincam com ela e da creche as crianças observam a pipa voar. Como relatamos, é uma festa para as crianças quando alguma pipa cai na creche, pois ficam na expectativa de pegá-la (quando a pipa "vai pro pau", qualquer um pode pegar a pipa e ficar com ela para si)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Os saberes que expressamos ter com relação a brincadeira de pipas é resultado de uma conversa que tivemos com algumas crianças que freqüentam a ONG Chico Mendes e que nos contaram um pouco sobre como que esta brincadeira acontece, qual a importância que ela tem para as crianças da comunidade e como as demais pessoas se envolvem nesta brincadeira.

Diante de todas essas ações que envolveram as pipas, ficou claro o quanto a pipa faz parte da realidade das crianças e também o interesse que elas têm por esse brinquedo. No entanto, queremos ressaltar aqui o quanto esta brincadeira está viva no cotidiano das crianças do Grupo 5/6, principalmente, na creche Chico Mendes, e por seu caráter dinâmico e alegre acaba por contagiá-las se fazendo presente nos desenhos, nas brincadeiras de faz-de-conta, assim como em qualquer espaço que estas precisem encontrar um significado maior ou uma razão de fazer e entender o que está acontecendo ao seu redor, mesmo que muitas vezes seja para transgredir ao que está posto.

Esta relação que a criança vai estabelecendo com o espaço em que esta inserida é que vai estendendo diante dos olhos do educador a maneira pela qual ela aprende. É interagindo com este mundo de coisas e idéias existentes anteriores a ela, que quando chega ao mundo, passa a criar estratégias e fazer relações que lhe permitam entendê-lo e interagir com ele.

Participar efetivamente deste contexto e destas relações tem sido um elemento fundamental nas discussões sobre os direitos das crianças. A partir das discussões que vêm sendo realizadas sobre os direitos das crianças, compreendo-as como sujeito ativo nesta relação com o mundo, exercendo nele o seu direito a participação no que envolve pensar e decidir sobre a prática pedagógica, e demais questões que integram o "estar na creche", considerando que este espaço existe com objetivo maior de atender aos interesses e necessidades da criança.

Sendo assim, o que cabe ao adulto que trabalha neste espaço ciente deste direito?

Consciência e atitude da necessidade desta participação, que deve fazer parte da vida da criança, no sentido de desenvolver uma participação cívica e uma autonomia enquanto cidadã, sabendo assim exercer seus direitos com consciência, ampliando sua visão do que é fazer parte do mundo: que é estar

---

Douglas que narra a sua experiência com a pipa, trouxe para o grupo outros elementos narrativos que apontavam não só para a brincadeira de pipa, mas também para a confecção do cerol (algo que é proibido, mas que para a brincadeira das crianças na comunidade, é um componente fundamental para cortar a pipa do colega).

no mundo participando dele.

Neste sentido, a ação de educar muitas vezes se estabelece em uma via de mão única em que os conhecimentos e as ações se estabelecem do adulto para as crianças, sem considerar o que também interessam a elas.

A *rotinização* das atividades desenvolvidas com o Grupo, muitas vezes leva a atitude em que as decisões sobre o cotidiano na Creche são resolvidas apenas pelos adultos. No entanto:

"O confinamento da infância a um espaço social condicionado e controlado pelos adultos produziu, como consequência, o entendimento generalizado de que as crianças estão "naturalmente" privadas do exercício de seus direitos. (SARMENTO, 2007, p. 36).

É necessário que a criança viva em contextos nos quais as atividades, as ações, sejam pensadas para elas, com elas e por elas. Assim elas podem desenvolver uma autonomia maior nas tomadas de decisões que lhes competem.

Para ampliar a nossa prática pedagógica devemos dar continuidade e ampliar os questionamentos sobre o cotidiano das crianças na creche, suas brincadeiras e gostos.

Ao longo deste período de ensinamentos, percebemos que trabalhar com crianças pequenas exige ao mesmo tempo, dinâmica para acompanhar sua maneira de perceber o mundo e se apropriar dele, e sensibilidade para perceber nos pequenos gestos das crianças o que para elas é importante. Como confirma Rocha (2000),

"a Pedagogia da Infância terá como objeto de preocupação a própria criança: seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, sua cultura, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais" (ROCHA, 2000, p.).

*Pensar, planejar e propor: um pouco sobre o processo de planejamento e execução das atividades realizadas com o Grupo dos Backyardigans*

Até aqui procuramos apresentar o Grupo dos *Backyardigans* segundo o modo pelo qual eles se organizam no cotidiano da Creche, segundo as suas brincadeiras e gostos. Procuramos extrair de suas falas, de suas ações, indicativos que nos orientassem e nos conduzissem a proposições que ampliassem os conhecimentos já sabidos pelas crianças.

Dentre os indicativos dados, chamou-nos muita atenção neste Grupo os momentos em que ele interagiu com desenho, tanto aqueles que eles assistiam, quanto aqueles que as próprias crianças faziam. O desenho animado dos *Backyardigans* é algo que a turma gosta muito e assim o conhecemos pelo o pedido que as crianças fizeram a Cíntia para assistirem:

*"Trazendo para a sala o equipamento de áudio-visual, Cíntia pediu para que as crianças sentassem no tapete para assistirem o vídeo que ela passaria na reunião dos pais [...] Sem muito interessar as crianças [...] o desenho dos Backyardigans foi o pedido que por parte das crianças surgiu. Quando Cíntia aceitou o pedido das crianças, um grande alvoroço tomou conta da turma e em voz alta, todas juntas falavam que personagem cada uma era e ao iniciar o desenho, as crianças cantarolaram a música de entrada" (CAMPOS, 26 de Maio, p. 5 - Registro de Campo).*

Enquanto a professora explicava às crianças sobre o vídeo que trabalharia com os pais na reunião, elas conversavam, brincavam, demonstrando não estarem se identificando com o que viam, algo bem diferente do que narramos no episódio anterior.

No desenho dos *Backyardigans* as crianças assumiam ser as personagens do desenho: falavam alto, brigavam entre si disputando serem os personagens. Na busca por suas identidades, demonstravam vontade de dançar, conversavam sobre o desenho até serem chamadas pela professora para fazerem silêncio. Mas o silêncio não durava muito, bastava aparecer uma nova cena do desenho que elas gostassem, para a ordem do silêncio ser transgredida.

Neste momento, também visualizávamos o que era importante para elas, pois suas falas e movimentos, suas transgressões, seus sentimentos assim expressos desenhavam quem eram estas crianças, do que elas

Não somente assistir aos desenhos, as crianças do Grupo

5/6 gostam muito de

gostavam e como faziam para que seus desejos se tornassem presentes no cotidiano da creche.



Figura 7: Crianças desenhando em sala

"A criança enquanto desenha, canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina ou até silencia... O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário".

Os desenhos das crianças deixam transparecer elementos da sua realidade, da sua imaginação e a união de ambos, dizem-nos sobre elas, dizem-nos de maneira forte, expressiva, na tonalidade das cores, na minúcia dos detalhes, no tempo em que ficam debruçadas sobre eles, nos nomes das personagens, na firmeza que falavam das mesmas e se identificavam com elas.

Foi a partir destes e de outros elementos que foram apontados pelas próprias crianças que optamos em trabalhar com elas a "*Corporeidade, falando destes corpos que se inscrevem nos espaços da Creche*". Com a intencionalidade de ampliar os repertórios das crianças buscamos na **arte** da expressão uma maneira das crianças conhecerem a si e ao outro.

Assim, o trabalho com o corpo não se escreveu somente com base nas expressões, mas alcançou dimensões mais amplas que privilegiaram formas distintas de auto conhecimento e relacionamento com o outro. Na montagem do desenho maluco, na confecção dos bonecos de jornal, nas propostas de brincadeiras e na organização do espaço, privilegiávamos um corpo ativo, um

corpo que se deixasse experimentar pelas relações, *affectando* e se deixando *affectar*.

Para que estas relações pudessem acontecer segundo as características desse Grupo, tivemos que ensaiar com as crianças a percepção por um tempo outro, tempo expresso nas sábias palavras de Jorge Larrosa (2002):

"A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o autismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço".

Nossos registros e planejamentos nos proporcionavam fazer um intercâmbio entre os momentos em que estávamos com as crianças, cheios de emoções, de sentimentos, e os momentos em que nos distanciávamos e refletíamos a nossa prática junto a elas.

Dentro do que propomos na nossa primeira intervenção<sup>5</sup> junto as crianças, muitas coisas não foram acatadas por elas. Nas suas falas e expressões, mostraram-nos outras possibilidades de encaminhar e dirigir o planejado. Contudo, naquele instante, a sensação foi de que nada que propuséssemos seria aceito por elas.

Os movimentos de algumas crianças nos mostravam uma negação ou outra proposta, que naquele momento não era possível ver. No entanto, o que parecia muito mais uma negação, nos deixando naquele instante chateadas, quando nos propomos ao exercício do registro, analisamos com outros olhos, com certa distância, lançamos um outro olhar para estes "corpos". O que eles nos desenham como possível, dentro de uma perspectiva de corpo não "dado", mas produzido culturalmente? (LOURO, 2000, p. 61). Que corpos são estes com os quais nos propomos trabalhar? São corpos dinâmicos, curiosos, que "dominam" e não se deixam "dominar" pelo que é posto. Não vemos nesta

---

<sup>5</sup> Com o intuito de questionar o corpo perfeito, propomos as crianças que, a partir de recorte das partes do corpo de revistas, montassem o seu Desenho Maluco. Para assim fazê-lo, disponibilizamos os rostinhos das crianças, revistas, metades de cartolinas, tesoura e cola.

resposta algo negativo, muito pelo contrário, são movimentos ativos, de determinação a nos mostrar, o que e como se é vivido por estes corpos. (CAMPOS & SILVA, 16 de Setembro de 2009, p. 12 - Registro de Campo).

A princípio, vimos tudo como algo que não deu certo, pois, dentre o que planejamos, apenas a proposta do desenho maluco foi feito e assim foi porque estávamos somente com a metade da turma, enquanto a outra estava no parque.

Entre o planejado e o realizável para aquele momento, conhecemos um pouco do que permeia a prática pedagógica para além do que pensávamos ser possível, contemplando também o que para as crianças foi possível, num processo que para nós parecia não ter dado certo, mas que para as crianças deu certo sim. Não ocorreu como previsto, mas ao refletirmos sobre o que chamamos de "flexibilidades de um planejamento", constatamos que as coisas do cotidiano na Creche nos afetam de diferentes maneiras e em diferentes tempos. Tudo isso nos possibilitou reestruturarmos a nossa proposta pensando ela para um outro tempo, com a finalidade de atender a dinâmica existente no grupo.

Na busca por conhecer mais a turma e a melhor maneira de propor novos elementos do nosso planejamento, nos desafiávamos mais e mais. Nas dificuldades enfrentadas, o maior desafio era pensar o modo que poderíamos envolver as crianças em cada proposta e principalmente, como encaminharíamos o trabalho.

Depois de muito pensar e avaliar o ritmo da turma, as experiências já vividas e a atual proposta, nossa idéia foi de trabalhar em pequenos grupos e se possível, fora da sala, podendo sempre contar com o apoio das professoras Cíntia e Maria Lúcia, no rodízio dos grupos.

Inicialmente, sentados todos em roda no tapete, conversávamos sobre nossas atividades. Retomávamos a proposta o que havíamos feito anteriormente, para então expor uma nova proposta querendo saber um pouco do que as crianças tinham a nos dizer sobre o que fizemos e o que estávamos propondo. Reiteramos aqui, que estes momentos de conversa em roda compuseram o que para nós significava a "participação das crianças". Mesmo



que não fossem as crianças que levassem alguma proposta, pensamos tal encaminhamento como o início da construção de uma relação na qual a opinião das crianças sobre o que estariam fazendo, naquele espaço e naquele tempo, contava como importante pra a deliberação do que estaria sendo realizado pelo grupo enquanto estava no espaço da Creche.

Com este movimento realizamos idas e vindas e entre proposições e observações, o corpo continuo a ser explorado. Pensamos em propor as crianças uma outra representação dos seus próprios corpos e para assim ser, direcionamos a construção de bonecos de jornais, em que cada criança confeccionou o seu próprio boneco. Nestes, o rosto de cada criança indicava a quem ele pertencia e à medida que este foi ganhando forma, veio como pedido das crianças que demais características fossam acrescentadas.



Figura 8 e 9: Confeccção dos Bonecos de Jornais

O cabelo, a roupa, o sapato não foram detalhes pensados por nós, mas ao atentar-nos para o que as crianças estavam a nos dizer, percebemos que estes detalhes são elementos que também dizem sobre quem somos.

Quando trouxemos para sala as diferentes cores de lã e indicamos as crianças que elas se transformariam nos cabelos dos bonecos, um misto de espanto e de curiosidade ficou no ar. Iniciamos a proposição e no meio dela, o foco se perdeu: as crianças não queriam mais fazer os cabelos e sim, jogar as lãs de um lado para o outro. Nos primeiros instantes ficamos sem reação: que atitudes tomar? O que dizer? Como reorganizar a atividade? Nada disso

parecia claro e decidimos por guardar os materiais e dizer às crianças que o combinado não tinha acontecido.

Neste instante, sentimos a necessidade de firmar com as crianças alguns combinados, de modo que estes estabelecessem um compromisso delas para conosco e nosso para com elas. Mas de que forma? Com que materiais? Com estas questões buscamos nos atentar sobre o que poderíamos oferecer as crianças para que os nossos combinados ganhassem as dimensões devida e que este momento possibilitasse a experimentação com outros materiais. Assim, aliando algo que as crianças gostam muito (desenhar), mais a experimentação com novos materiais (os tecidos, as miçangas, a cola com glitter, a canetinha, o giz de cera), propusemos as crianças que desenhassem no tecido os combinados<sup>6</sup> firmados entre nós.

Em pequenos grupos, as crianças iniciaram as suas produções:

"Em três grupos, cada um com seis crianças trabalhando, [as crianças iniciaram os seus] desenhos com empenho e criatividade. Os desenhos com muitos detalhes, cores, alguns com os nomes ao lado escritos pelas próprias crianças ou por nós mesmas, foram impressionando. Quando terminado o trabalho que estava sendo tão apreciado por todos, crianças e professoras, achamos por bem fixá-los na parede da sala para que todos pudessem apreciá-los por mais tempo" (CAMPOS & SILVA, 5 de Outubro de 2009, p. 24 - Registro de Campo).

---

<sup>6</sup> No momento em que avaliávamos o que tinha acontecido no dia em que a proposição era colocar os cabelos nos Bonecos de Jornal, cinco combinados foram firmados entre nós e as crianças, os quais sejam: 1) Ouvir o outro (professoras, amigos, merendeira, faxineira, vigilante) para também ser ouvido; 2) Resolver as coisas conversando; 3) Participar das brincadeiras propostas e também propor brincadeiras; 4) Respeitar o que é do outro, não mexer sem pedir; 5) Falar baixo.



Figura 10: Exposição dos desenhos feitos pelas crianças sobre os nossos combinados

Como a expressão das crianças parecia não ter fim, propusemos para outro dia, trazer novos elementos que complementassem a composição deste trabalho desenvolvido por elas.

"Trouxemos muitas miçangas em tamanhos e cores diversas, barbantes e fitas coloridas, pedacinhos de retalhos coloridos, lantejoulas, cola glitter e cola branca. Mais uma vez o trabalho parecia não ter fim, a criatividade das crianças, a vontade de explorar os materiais era incessante. Usavam de tudo: dos retalhos às pequenas miçangas, a cola foi repostada e a cola glitter dava no final um toque todo especial" (CAMPOS & SILVA, 6 de Outubro de 2009, p. 24 - Registro de Campo).

A criatividade e o entusiasmo das crianças pareciam não cessar, e quando finalizado esta parte, propusemos às crianças um destino inédito para estas obras artísticas, de modo que feito valorizasse ainda mais as suas produções e também que refletisse numa outra organização do espaço. Dentre as possibilidades, pensamos em transformar todas as produções em uma única cortina-divisória.



Figuras 11 e 12: Imagens da Cortina-divisória

Apesar de não deixarmos explícito todas às atividades realizadas com o Grupo no projeto de trabalho *"Corporeidade, falando destes corpos que se inscrevem nos espaços da Creche"*, o principal objetivo deste foi trabalhar o *"Reconhecimento de si a partir do seu corpo e posteriormente o reconhecimento do outro"*. Seria necessário, primeiramente, que a criança reconhecesse o seu corpo, o perceber-se, tendo consciência primeiro de si, o que possibilitaria um olhar também para o outro. Nas sábias palavras de Madalena Freire:

*Eu não sou você,  
Você não é eu  
Mas sei muito de mim  
Vivendo com você.  
E você, sabe muito de você vivendo comigo?  
... encontrei comigo e me vi, enquanto olhava pra você...*

Foi pensando na importância deste olhar para si e para o outro que as propostas foram sendo planejadas. Estabelecemos alguns eixos que, entre idas e vidas, apontavam nosso foco no trabalho de cada dia junto às crianças: *Eu e o Outro; Eu e o Boneco que Sou Eu; Brincar; Nossos Combinados desenhados no tecido*. Apontávamos na direção de significar a "criança que está na creche", e que direciona o trabalho a ser desenvolvido e também o faz.

Dentre os eixos, nossos objetivos em cada encontro norteavam nosso trabalho, desenhavam cada proposta e a ligação entre elas. Apontavam distintas possibilidades na busca de: desenvolver a percepção sobre a singularidade de cada um; estimular a imaginação e a criatividade; por meio da confecção do boneco, trabalhar a identidade, o reconhecimento do seu corpo e o respeito que devemos ter com ele e com o corpo do outro; aproximar-nos das crianças, de modo a fortalecer a interação; possibilitar o encontro com outros materiais; desenvolver o trabalho em grupo.

### *Algumas Considerações*

*Que saber nos reservaria a vida  
Se não o dos encontros e desencontros  
Das vindas e despedidas.  
Saber do sonho e da realidade  
Do que é possível e das utopias.  
Saber do eu  
E saber do nosso  
De um passado e de cada dia.  
Um saber, que só é sabido  
Porque há um outro que o significa.  
(AUTOR DESCONHECIDO)*

Olhamos agora para tudo que passou e visualizamos o que foi vivido por nós junto as crianças, a Creche Chico Mendes, a Comunidade

Falar daquele sentimento primeiro de não saber o que é ser estagiária na Chico Mendes, mas que agora já podemos contar do que vivemos.

Registrar um pouco do que vivenciamos junto às crianças do Grupo 5/6 sobre nossas intervenções, nos fez pensar o que acontecia não como certo ou errado, mas como o que realmente aconteceu e como aconteceu, num diálogo

que nos permitia visualizar o que seria possível naquela prática, naquele dia como sendo cada dia diferente e especial cheio de novidades que permeiam não uma rotina amordaçada, mas o estar vivo de cada integrante e do grupo como um todo, com emoções afinidades e dificuldades.

Gostaríamos de destacar aqui, observando as diferentes culturas nos diferentes contextos, a importância da alteridade, que vem nos permitindo conhecer o outro, dono de uma outra realidade, diferente da nossa, não melhor nem pior, mas uma maneira particular de cada cultura representar as coisas que lhes são importantes como: religião, família, relações entre os indivíduos, etc. Reconhecer a alteridade de cada cultura, de cada ser, nos faz pensar e repensar a nossa própria cultura, a maneira como vivemos. Não no sentido de comparar ou adotá-la como verdadeira, cada uma atende a determinadas condições a partir das quais se constituem, mas no sentido de perceber a existência de novas e diferentes possibilidades e acima de tudo, entender e conviver com o outro. Aprendemos a não impor uma cultura sobre a outra, reconhecendo no outro um jeito diferente de ver e viver a vida.

### *Referências Bibliográficas*

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Fragmentos sobre rotinização da Educação Infantil. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 25, n. 1, 2000, p.93-113.

BATISTA, Rosa. Cotidiano da Educação Infantil: espaço acolhedor de emancipação das crianças. In: Anais do 1º Congresso do Fórum de Educação Infantil dos Municípios da AMREC. *Educação Infantil: realidade em construção*. Criciúma, 2003, p. 44-58.

\_\_\_\_\_. *A rotina na Educação Infantil*. Florianópolis, SC, 2000, mimeo.

\_\_\_\_\_. *A rotina no dia-a-dia da creche: entre o proposto e o vivido*. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. *As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação*. Florianópolis, 2002. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

FREIRE, Madalena. *Eu não sou você, você não é eu*. Disponível em: <http://www.pensador.info/frase/NDY2Nzgz/> Acessado em: 01 de Dezembro de 2009.

GANDINI, Lella. Espaços Educacionais e de Envolvimento pessoal. IN: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (orgs). *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 145-158.

JOBIM E SOUZA, Solange. Re-significando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição à pesquisa da infância. IN: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Org.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. 1ª ed. Campinas: PAPIRUS, 1996, p. 39-55.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda (orgs). *Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão*. Campinas, SP: Papyrus, 2004

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org). *Encontros e Encantamentos na Educação Infantil: partilhando experiências de Estágio*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

ROCHA, Eloísa A. Candal. A pedagogia e a Educação Infantil. IN: *Revista Iberoamericana de educacion*. n. 22, 2000, p. 61-74.

SARMENTO, Manoel Jacinto. Visibilidade Social e Estudo da Infância. In: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; SARMENTO, Manoel Jacinto. *Infâncias (in)visíveis*. Araraquara, SP: Ed. Junqueira Martins, 2007, p. 25-49.

WAJSKOP, Gisela. Situando a questão. In: *Brincar na pré-escola*. São Paulo: Cortez, 1995. p. 13-38.